

Prof. Dr. Luís Afonso Heck

Semestre de verão 2017

Para uso em aula – UFRGS – Faculdade de Direito

SABER ABSOLUTO, ANULAÇÃO DIALÉTICA, ESPECULAÇÃO

Saber absoluto, designação na »Phänomenologie des Geistes« de G.W. F. Hegel para a última forma do desenvolvimento do espírito. Absoluto é o saber, porque ele, nas formas da ideia religiosa e do conhecimento conceitual filosófico (também em seu desenvolvimento histórico), tem-se mesmo como objeto. Desse último grau torna-se reconstruível a marcha de autoconstituição do espírito em perspectiva histórica e sistemática. A »Phänomenologie des Geistes« não é nada mais que essa reconstrução e, em sua totalidade, uma realização do saber absoluto. Com a autorreferencialidade do espírito, obtida no saber absoluto, as diferenças-objeto-sujeito e -sujeito-sujeito são anuladas, ademais, é alcançado o lugar sistemático no qual a filosofia tematiza-se mesma em forma de uma doutrina das categorias na »Wissenschaft der Logik«.

Fonte: Mittelstraß, Jürgen (Hg.). Enzyklopädie Philosophie und Wissenschaftstheorie. Band 4. Stuttgart - Weimar: J. B. Metzler, 2004.

Pontuação no original, o sublinhado, não.

Obs.: para escritos de José Pinheiro Pertille

Todos os textos citados encontram-se no SABI da UFRGS

1. Tese de doutorado

Título: Faculdade do espírito e riqueza material: face e verso do conceito "Vermögen" na filosofia de Hegel

Na página 19 está dito: "Um dos mais famosos músicos brasileiros, Caetano Veloso, desencoraja a quem tenha uma ideia *genial* de escrever um texto filosófico, exortando, ao invés disso, à composição de canções populares, pois já estaria provado que "só é possível filosofar em alemão." Pontuação no original.

Obs.: a palavra “alemão” refere-se, certamente, à língua, não à nacionalidade. Isso pode ser certificado com Herbert James Paton. The categorical imperative, uma obra canônica sobre Kant. Assim, o filosofar requer o domínio da língua. Com isso, então, pode colocar-se a questão: o Sr. Pertille domina a língua alemã?

Vejamos:

2. Artigo

Título: Aufhebung, meta-categoria da lógica hegeliana, para uma plausível apreensão lógica da realidade, 2017

“Assim como o entendimento pode ser considerado separado da razão, a razão dialética pode ser considerada separada da razão positiva. Porém, em sua verdade, a razão é espírito, o qual está por cima de ambos, como razão que entende ou como entendimento que raciocina (*verständige Vernunft oder vernünftiger Verstand*).”

Isso está na página 368.

“Wie der Verstand als etwas Getrenntes von der Vernunft überhaupt, so pflegt auch die dialektische Vernunft als etwas Getrenntes von der positiven Vernunft genommen zu werden. Aber in ihrer Wahrheit ist die Vernunft Geist, der höher als beides, verständige Vernunft oder vernünftiger Verstand ist. WL I, HW 5, p. 17.”

Isso está na página 368, nota de pé de página 4.

Tradução de Heck: Assim como o intelecto como algo separado da razão, no fundo, assim também a razão dialética tem o costume de ser tomada como algo separado da razão positiva. Mas em sua verdade é a razão espírito, que superior a ambos, razão inteligente ou intelecto racional, é.

Registre-se que a tradução de *verständige* e *vernünftiger* do Sr. Pertille mostra desconhecimento também da formação do Particip I.

3. Artigo

Título: A lógica do reconhecimento e o reconhecimento da lógica: de Honneth a Hegel

Nesse artigo, o Sr. Pertille, na nota de pé de página 10, cita 3 (três) livros de Honneth, no original, ou seja, somente o título. Nas notas de pé de página 13, 14, 15, 17 e 18, contudo, primeiro, trabalha Honneth traduzido, ou seja, usa seus textos traduzidos para o português e, segundo, não trabalha um texto mencionado na nota de pé de página 10: *Das Recht der Freiheit – Grundriß einer demokratischen Sittlichkeit*.

(Seu orientador, Sr. Rosenfield, faz coisa semelhante. Por exemplo, no seu artigo *Ética e metafísica* (1. parte), na nota de pé de página 1, cita Heidegger na tradução francesa; nas notas de pé de página 2, 3 e 5 cita os títulos dos livros em original, contudo, sem indicação de página, embora faça uso do conteúdo desses livros no texto.)

Conclusão:

1. não domina; parece não ter entendido, assim, a exortação de Caetano; quem sabe, como músico ...;

2. mais além, Gadamer diz: “Mostra, contudo, também a história da hermenêutica [auslegen=interpretar=explicar] como o interrogatório de textos é determinado por uma pré-compreensão extremamente concreta.” (*Wahrheit und Methode*. 6. Aufl. Tübingen: Mohr, 1990, S. 337; versão portuguesa, página 436 – 7. Ed. Petrópolis: Vozes. Tradução: Flávio Paulo Meurer, revisão: Enio Paulo Giachini, 2005). Com isso, em consequência, o Sr. Pertille também parece não estar em condições de interrogar os textos de Hegel. Isso também poderia tocar ao seu orientador, o Sr. Rosenfield, que interroga em francês.

Por fim: na Internet, Hegel está ligado a instituições, enquanto Kant a ideias. Sem rodeios: seria Hegel uma máscara (ou trincheira) para instituições

brasileiras? Em conexão, Hegel é usado como uma justificação dos supostos fins do estado (brasileiro)?

O Sr. Pertille escreveu, isso dá nas vistas, dois artigos sobre a palavra Aufhebung (o mencionado supra, que tem por base um escrito em 2011, no qual se encontra também a passagem acima analisada). Ela está unida à dialética, assim:

Anulação dialética, conceito da filosofia especulativa de Hegel que reúne três dos significados, que procedem do uso do idioma habitual, de »anular«: (1) elevar à altura (elevare), (2) conservar (conservare), assim como (3) subtrair, abolir (tolere) – em que o último significado em Hegel está contido no conceito de negação. Na anulação dialética é, por exemplo, uma categoria, com referência ao seu contrário (sua negação), negada em sua validade universal. Com isso resulta, segundo Hegel, uma nova categoria, que conserva o conteúdo da categoria original e com ele une sua oponente, de modo que a nova categoria eleva a categoria original a um nível mais alto e mais complexo (no uso do idioma de Hegel »mais concreto«), uma vez que sua unilateralidade e exclusividade é »anulada«. A contradição contida na negação da negação é, na anulação dialética, pensada como um princípio produtivo, uma vez que aqui – de outra forma como na dupla negação na lógica formal – o resultado é um outro que a categoria original.

Fonte: Fonte: Metzler Philosophie Lexikon. 2. Aufl. Stuttgart - Weimar: Verlag J. B. Metzler, 1999. Pontuação no original.

Para essa contradição, contida na anulação dialética, é esclarecedor o seguinte: “... (Um tal é realmente muito semelhante a uma >ideologia total<.) Na filosofia de Hegel isso ocorre por acentuação da admissibilidade e até da fecundidade de contradições. Se, porém, não se precisa evitar contradições, então cada crítica e cada discussão torna-se impossível. Pois uma crítica consiste exatamente nisto, que se remete ou a contradições dentro da teoria a ser criticada ou a contradições entre a teoria e fatos da experiência determinados. (...) Tais métodos são fáceis de manejar e altamente divertidos para cada um que os aplica. É, porém, claro que eles destroem os fundamentos da discussão racional e que eles, afinal de contas, têm de levar ao antirracionalismo e misticismo.”

Fonte: Popper, Karl. *Lesebuch*. 2. Aufl. Tübingen: Mohr, 2015, S. 364. Pontuação no original.

Quanto à palavra especulação:

Especulação (do latim *speculari* “considerar de longe”), a tentativa de, puramente intelectualmente, chegar a um conhecimento de coisas situadas do outro lado da experiência. A especulação tenta, portanto, saltar por cima tanto da percepção como, no fundo, o “aquém de”, contra o que particularmente Kant fez objeção crítica: “Um conhecimento teórico é especulativo quando ele vai para um objeto ou tais conceitos de um objeto, ao qual em nenhuma experiência pode chegar-se.” Semelhantemente, Schiller: “A filosofia aparece sempre ridícula, quando ela, por meios próprios, sem confessar sua dependência da experiência, quer ampliar o saber e ao mundo dar leis” (para Goethe 16.10.1795). Sistemas especulativos no sentido de Kant são, por exemplo, o de Pythagoras, dos Eleaten, de Platon, dos neoplatônicos, de Descartes, Leibniz e dos idealistas alemães. Designa-se o idealismo alemão, em geral, como filosofia especulativa. Hegel entende, ao contrário, sob pensar especulativo o dialético, por ele exercitado. Especulação vale hoje como método de auxílio formal na teoria dos modelos e formação de hipóteses.

Fonte: Schischkoff, Georgi. *Philosophisches Wörterbuch*. 22. Aufl. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1991. Pontuação no original.

Em conexão com isso, é útil informar o arraial dos ditos hegelianos brasileiros sobre o seguinte, por exemplo: “Ao *Schelling* seguiu já agora uma criatura ministerial filosófica, o *Hegel*, qualificado de cima para baixo como grande filósofo em intenção política, além disso, servida de uma equivocação, um charlatão banal, trivial, antipático-asqueroso, não-ciente que, com atrevimento sem exemplo, compilou atropeladamente loucura e absurdo que por seus partidários venais foram trombeteados como sabedoria imortal e por estúpidos tomados por corretos para isso, pelo que nasceu um coro tão completo como nunca antes se ouviu ele.” Aqui tem a seguinte nota de pé de página: “Hoje o estudo da filosofia kantiana tem ainda a utilidade particular de ensinar o quão profundo, desde a >Kritik der reinen Vernunft<, a literatura filosófica na Alemanha caiu: tanto contrastam suas investigações profundas com o palavreado cru atual,

no qual se acredita ouvir, de um lado, examinandos de exame de conclusão universitário cheios de esperança e, de outro, camaradas de barbeiro.”

Fonte: Schopenhauer, Arthur. *Parerga und Paralipomena*, I. Frankfurt: Suhrkamp, 1986, S. 121. Pontuação no original.

“Com *uma* palavra: não está ali a juventude maturada na incubadora da hegelice (Hegelei) como homens castrados no espírito, incapazes de pensar e cheios da presunção mais ridícula?”

Fonte: a mesma, S. 205. Pontuação no original.

“Certamente, quase toda a contemporaneidade mais jovem foi infectada pela hegelice (Hegelei), igualmente como pela doença francesa [sífilis]; e como esse mal envenena todo suco, assim aquela deteriorou suas forças espirituais; por isso, os letrados mais novos hoje em dia também não são capazes de uma ideia sadia, também de nenhuma expressão natural.”

Fonte: a mesma, S. 206.

“Especialmente Schopenhauer foi um adversário autêntico do irracionalismo. Ele escreveu com ele *um* desejo: ser entendido plena e completamente, e ele escreveu mais compreensivelmente do que qualquer outro filósofo alemão. Seu desejo de ser compreensível transformou ele em um dos bem poucos grandes mestres do idioma alemão.”

Fonte: Popper, Karl. *Lesebuch*. 2. Aufl. Tübingen: Mohr, 2015, S. 203.

Pontuação no original.